



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO DE LÍNGUAS  
ESTRANGEIRAS**

**JOHN MORAIS DE FREITAS**

**O PROCESSAMENTO LEXICAL DE “FALSOS AMIGOS” EM UMA TAREFA  
DE TRADUÇÃO**

**FORTALEZA  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F936p Freitas, John Morais de.  
O processamento lexical de “falsos amigos” em uma tarefa de tradução / John Morais de Freitas. – 2019.  
20 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Estrangeiras, Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Pâmela Freitas Pereira Toassi.

1. Bilinguismo. 2. Vocabulário. 3. Falsos amigos. I. Título.

CDD 469

---

# O processamento lexical de “falsos amigos” em uma tarefa de tradução

## *Lexical processing of false friends in a translation task*

John Morais de Freitas<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Pâmela Freitas Pereira Toassi<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo investigar a relação entre o aumento da proficiência e o processamento de falsos amigos em falantes bilíngues português-inglês. Para tanto, foi aplicada uma tarefa de tradução com dois grupos de participantes, um com participantes nos níveis B1-B2 e outro com participantes nos níveis C1-C2. Na tarefa, os participantes traduziram uma lista de 25 palavras falsos amigos e 25 palavras controles. Os resultados indicam que houve diferença significativa entre o número de acertos de falsos amigos e controles, mas que a diferença entre os grupos não foi significativa. Ou seja, houve um efeito maior do conhecimento do tipo de palavra do que do nível de proficiência dos participantes.

Palavras-chaves: Bilinguismo, Vocabulário, Falsos amigos.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to investigate the relationship between increased proficiency and false friends processing in Portuguese-English bilingual speakers. Therefore, a translation task was applied to two groups of participants, one with participants on levels B1-B2 and the other with participants on level C1-C2. during the task, participants translated a list of 25 false friend words and 25 control words. The results indicate that there was a significant difference between the number of correct answers for false friends and control words, however the difference between the groups was not significant. In other words, there was a greater effect on the knowledge of the type of word than on the level of proficiency of the participants.

Keywords: Bilingualism, Vocabulary, False friends.

### **INTRODUÇÃO**

Aprender um novo idioma não é uma tarefa simples, porém é algo necessário em diversos contextos. Muitos elementos linguísticos são levados em consideração nesse processo: elementos gramaticais, fonológicos, culturais e, de maneira especial, elementos lexicais, afinal, palavras são necessárias para se formar enunciados completos. Partindo

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Língua Estrangeira da Universidade Federal do Ceará. Email: john\_hnn@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução. Email: pamela.toassi.ufc@gmail.com

do fato de que o léxico é um importante elemento na aprendizagem de um novo idioma, podemos afirmar que o processamento lexical, ou seja, a maneira como as palavras são processadas no nosso cérebro, é algo relevante para os que se propõem a aprender ou ensinar uma nova língua.

Compreender o processamento lexical de bilíngues é um tópico instigante para pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. É desafiador, pois algumas condições podem influenciar a sistematização e o processamento lexical de bilíngues. Podemos citar como condições que influenciam esse processamento o tipo de aprendizado da língua estrangeira em questão, a idade com a qual esse aprendiz teve contato com essa língua e o nível de proficiência na língua estrangeira. Os elementos linguísticos, como as semelhanças fonológicas, semânticas e ortográficas entre as duas línguas do aprendiz também precisam ser considerados (TOASSI; MOTA, 2014). É a partir desses elementos que surgem as palavras cognatas, palavras com ortografia, fonologia e semântica similares ou idênticas em línguas diferentes (VAN HELL; TANNER, 2012) e os falsos amigos, os vocábulos de duas línguas que são iguais ou muito similares, mas que diferem em significado ou uso (PRADO, 1989). Assim, esses aspectos podem ser influenciadores no processamento lexical de aprendizes bilíngues.

Estudos prévios constataram que o processo de aprendizagem de palavras mostrou ser mais fácil nos casos de palavras cognatas que nos casos de palavras não-cognatas. Por exemplo, Duyck *et al.* (2007) verificaram um efeito facilitador de cognatos inglês-holandês em três experimentos diferentes. Já Dijkstra, Grainger e Van Heaven (1999) encontraram resultados semelhantes em experimentos comparando bilíngues e monolíngues inglês-holandês. Esses estudos apontam para o fato de que palavras cognatas tem efeito facilitador também em estágios avançados de aquisição onde os falantes bilíngues já são proficientes (VAN HELL; TANNER, 2012). Como vimos, estudos anteriores apresentam as palavras cognatas como facilitadoras no processamento lexical.

Do mesmo modo, “muitos pesquisadores investigaram se falsos amigos, assim como os cognatos, são processados diferentemente de seus pares controles.” (VAN HELL; TANNER, 2012). Estudos prévios concluíram que “o tempo de reação para falsos amigos é, frequentemente, maior que para as palavras controle” (DIJKSTRA, 2009). Assim, os falsos amigos são apresentados como inibidores no processamento lexical.

O presente estudo tem como objetivo geral investigar a relação entre os níveis B1-B2 e C1-C2 e o processamento de falsos amigos em falantes bilíngues português-inglês, sendo o português a língua materna e o inglês a segunda língua, com diferentes níveis de proficiência na segunda língua (inglês). Mais especificamente, duas questões específicas nortearam o desenvolvimento desta pesquisa:

1. Como falsos amigos são processados em comparação com palavras controles?
2. Qual a relação entre os níveis B1-B2 e C1-C2 e o processamento de falsos amigos?

Esse trabalho está organizado da seguinte forma: A primeira seção introdutória. Na segunda seção serão abordadas as definições e ideias apresentadas por autores que estudaram sobre bilinguismo, léxico e processamento lexical. Na sequência (seção 3), serão detalhados os procedimentos metodológicos como a elaboração da atividade. Após, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa (seção 4). Por fim, na seção 5 serão apresentadas as considerações finais do estudo.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

O termo bilíngue está cada vez mais presente no nosso dia a dia. É comum vermos anúncios de escolas bilíngues para crianças, instituições de ensino que se propõe a lecionar utilizando dois idiomas. Também é comum encontramos propostas de trabalho para profissionais bilíngues, aqueles que exercem suas funções igualmente em idiomas diferentes.

Além de publicações bilíngues, as que apresentam textos em dois idiomas de maneira simultânea. Em geral, o termo bilíngue se refere a alguém ou algo que faz uso de duas línguas ao mesmo tempo.

Bem antes do termo se popularizar como um item de marketing, autores já vinham estudando esse conceito. Uma definição clássica de bilinguismo foi apresentada por Bloomfield (1933, p.56), O autor comenta que para que alguém seja considerado bilíngue é necessário adquirir "controle quase nativo de duas línguas".

Diferente de Bloomfield, Haugen (1953), apresenta uma perspectiva mais abrangente do conceito de bilinguismo. Para ele, "o ponto em que um falante consegue, pela primeira vez, produzir enunciados completos e significativos em outra língua" ele já é considerado bilíngue. Haugen (1953) complementa sua ideia ao incluir "todas as possíveis gradações até a habilidade que permite a pessoa a passar como um nativo em mais de um ambiente linguístico".

Diferentemente dos dois primeiros autores, Macnamara (1967) acredita que a fluência no segundo idioma não é pré-requisito para que alguém seja considerado bilíngue. Além disso, Macnamara (1967) inclui os falantes que utilizam pelo menos uma das quatro habilidades linguísticas, ou seja, não apenas aqueles que produzem enunciados significativos, mas também os que, de algum modo, utilizam, minimamente, duas línguas poderiam ser considerados bilíngues.

Baseados nas ideias apresentadas acima, podemos afirmar que os estudantes de uma segunda língua já podem ser considerados bilíngues. Afinal, todo aquele que usa outra língua que não seja a sua língua materna e que usa todos os seus recursos linguísticos para propósitos da vida real, pode ser considerado um falante de L2 (L2 user) (COOK, 2002). Assim, ao se aprender um novo idioma, os alunos tendem a utilizar as duas línguas, a que já se sabe, primeira língua, e a que se está aprendendo, segunda língua, de maneira simultânea.

Quando um falante bilíngue usa uma língua, a outra está ativa ao mesmo tempo. O sistema de linguagem do cérebro começa a adivinhar

qual poderia ser uma palavra, ativando várias outras palavras que pareçam com o sinal, antes mesmo que ela termine de ser pronunciada ou lida (MARIAN; SHOOK, 2012). No contato com palavras de um idioma, inglês, por exemplo, um falante bilíngue do par português-inglês ativaria ambos os idiomas. No caso da palavra inglesa "terrific", um falante de português-inglês ao ouvir o primeiro som ou ler a primeira sílaba desta palavra ativaria várias possibilidades de vocábulos nos dois idiomas (Terrible[in], Terrível[pt]).

Aprender um segundo idioma leva em consideração uma série de aspectos. Desde elementos sociais e culturais até elementos fonológicos e gramaticais. No entanto, é inegável que os aspectos lexicais têm lugar de destaque nos elementos considerados ao se aprender uma nova língua. Beglar e Hunt (2005) afirmam que "muitos linguistas e psicólogos colocam o léxico no centro do processo e de produção da linguagem humana."

Até aqui, é certo que o vocabulário é relevante no aprendizado de idiomas, todavia, aspectos como a idade de aprendizado do idioma, grau de exposição ou o modo de aprendizado, formal ou informal, são influenciadores no processo de aquisição de vocabulário. Em se tratando da idade de aprendizado, crianças e adultos apresentam diferenças claras. Para adquirir um novo item de vocabulário estudantes devem estabelecer uma entrada para ele na memória lexical e ligar ele com uma representação dos seus significados. O processo é automático e, geralmente, inconsciente para as crianças. Por outro lado, para os adultos esse processo não é automático e a necessidade de assimilar, primeiramente, a forma e, em seguida, estar consciente de que ela está ligada a um conceito pode causar problemas, especialmente para aprendizes iniciantes (HALL *et al.*, 2009).

Diante dessa problemática com os aprendizes adultos, que é ainda mais evidente com aqueles nos primeiros níveis de contato com a língua, faz-se necessário que os profissionais, professores e pesquisadores que trabalham com ensino de línguas procurem estratégias para auxiliar seus alunos. Afinal, não é uma tarefa simples aprender um novo vocábulo em

uma nova língua. Qualquer coisa que o professor faz para facilitar esse processo é de grande serventia para o aluno. (LAUFER; MEARA; NATION, 2005)

Uma grande ajuda para os alunos são as palavras cognatas, devido ao fato de elas serem processadas mais rapidamente e com menos erros. O uso e estudo delas nos níveis iniciais ajudam alunos tanto no processo de aquisição quanto em aspectos motivacionais por que elas são muito fáceis de compreender e aprender (DIJKSTRA, 2009).

À medida que se progride no aprendizado de um segundo idioma, os processos de aquisição de vocabulário se tornam mais automáticos. No entanto, surgem novos desafios, algumas palavras parecem ter similaridades nos dois idiomas, mas na verdade tem significados distintos. Elas são conhecidas como "falsos amigos", pois, a princípio, parecem ser uma grande ajuda devido às similaridades ortográficas, mas as diferenças de significado e uso as tornam traiçoeiras, dificultando, assim, a tarefa de professores, estudantes e tradutores (PRADO, 1989).

Muitos pesquisadores investigaram se falsos amigos, assim como os cognatos, são processados diferentemente de seus pares controles. Dijkstra, Van Jaarsveld e Ten Brinke (1998) em um primeiro experimento, aplicaram uma tarefa de decisão lexical com falsos amigos e cognatos inglês-holandês e controles em inglês com bilíngues inglês-holandês, não houve diferença significativa entre falsos amigos e controles, no entanto, as palavras cognatas foram processadas mais rapidamente. Já no segundo experimento, a tarefa de decisão lexical utilizou falsos amigos em inglês e controles em holandês, foi encontrado um grande efeito de inibição. De Bruijn, Schriefers e Ten Brinke (2000) também aplicaram uma tarefa de decisão lexical com bilíngues inglês-holandês e não houve diferenças entre falsos amigos e controles em uma lista estímulo contendo apenas palavras em inglês, porém, houve um grande efeito de inibição quando palavras em holandês foram incluídas. Em resumo, se pode concluir que o efeito inibidor ou facilitador de falsos amigos é afetado pela lista de estímulo (BRENDERS; VAN HELL; DIJKSTRA, 2011).



De maneira geral, podemos ver o quanto o processo de aquisição lexical é importante para o ensino e aprendizagem de um segundo idioma. Depois disso, abordamos o fato de que alguns fatores influenciam esse processo de aquisição lexical, a idade do aprendiz, nível de proficiência de aprendizes adultos, palavras cognatas e palavras falsos amigos são exemplos de fatores que influenciam esse processo. Assim, faz-se necessário nos aprofundar um pouco nos estudos sobre processamento lexical.

Para muitos autores, uma questão central na pesquisa de processamento lexical de bilíngues é como eles acessam palavras nos seus dois idiomas (VAN HELL; TANNER, 2012). Ou seja, como as palavras são compreendidas pelos falantes. Quais fatores facilitam ou dificultam essa compreensão.

Em se tratando de processamento lexical, existem duas visões contrastantes que exemplificam esses processos. A primeira, chamada de não-seletiva, sustenta que os dois idiomas de um falante bilíngue são ativados quando esse falante é exposto a um estímulo, mesmo que esse estímulo seja em apenas um dos idiomas (ALTENBERG; CAIRNS, 1983). Já a segunda visão, conhecida como seletiva, sustenta a ideia de que apenas um idioma fica ativo diante de um estímulo, se o estímulo é em inglês, apenas o idioma inglês seria ativado (SCARBOROUGH; GERARD; CORTESE, 1984).

Porém, essas duas visões não levam em consideração o nível de proficiência dos falantes bilíngues. Um dos poucos modelos de desenvolvimento na literatura sobre léxico mental de bilíngues que leva em consideração esse fator é o modelo hierárquico revisado (KROLL; STEWART, 1994). Esse modelo postula que as conexões entre forma e significado de palavras no segundo idioma são mais fracas em falantes com baixa proficiência. O aumento da força nas conexões entre forma e sentido está proporcionalmente ligado ao aumento da proficiência.

A maioria dos estudos empíricos nessa área tem adotado uma abordagem de grupos onde dois grupos de bilíngues, um com baixa e

outro com alta proficiência, são comparados (VAN HELL; TANNER, 2012). Optamos por utilizar essa metodologia para esse estudo, a qual será apresentada na seção a seguir.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de caráter experimental. Neste tipo de estudo os pesquisadores controlam as condições que irão prevalecer na investigação. Os valores de uma ou mais variáveis dependentes são manipuladas e, são observados, os efeitos dessa manipulação em um ou mais grupos de controle. A pesquisa experimental obrigatoriamente deve trabalhar com um ou mais sujeitos (MARCONI; LAKATOS, 2007). Esses sujeitos são divididos em grupo experimental e controle.

Participaram do presente estudo dois grupos contendo 7 estudantes de inglês cada. O primeiro grupo foi formado por alunos com proficiência nos níveis C1-C2 e o segundo grupo por alunos com proficiência nos níveis B1-B2, tendo como base o Quadro Comum Europeu Para o Ensino de Línguas. Os dados sobre os participantes podem ser melhor observados na tabela 1 abaixo.

Os participantes foram separados nos dois grupos tendo como base o nível atingido por cada um deles no decorrer do curso. A instituição de ensino em que estudam utiliza o quadro comum europeu para dividir os níveis de cada turma, assim, o curso regular de inglês tem sete níveis (intro, A1, A2, B1, B2, C1, C2). Desse modo, o objetivo dos alunos é chegar ao nível C2 para, então, concluir o curso.

A coleta de dados da pesquisa foi dividida em duas partes. Na primeira aplicou-se uma tarefa de tradução com os dois grupos de participantes.

### **3.1 Tarefa de tradução**

A tarefa foi elaborada da seguinte forma.

Primeiramente, 25 (vinte e cinco) falsos amigos foram selecionados fazendo uso da base de dados do Corpus of Contemporary American

English (COCA). Todas as palavras escolhidas foram substantivos. Utilizando a mesma ferramenta online (COCA), a frequência de uso de cada palavra foi calculada e então a lista final de falsos amigos contava com palavras com frequências de uso entre 836 e 139262.

Em segundo lugar, a similaridade ortográfica entre as palavras em inglês e português foi calculada utilizando um algoritmo de similaridade ortográfica desenvolvido por Weber (1970) e Van Orden (1987), descrito em Van Orden (1987, p.196). O cálculo foi realizado através da ferramenta online NIM (GUASCH *et al.*, 2013). Assim, as palavras com similaridade entre 0,2 e 1 foram selecionadas, sendo que as palavras com similaridade na categoria 1 são totalmente similares (EN editor - PT editor), ou seja, quando mais próximo do número 1, mais parecidas são as palavras.

Na terceira parte da elaboração da atividade, formou-se uma nova lista com 25 palavras controles. Foram escolhidas palavras que não eram nem cognatas e nem falsos amigos mas que tinham frequência de uso aproximadas com as palavras da primeira lista. A escolha das palavras e a frequência de uso das palavras da segunda lista foram calculadas fazendo uso da mesma ferramenta usada na lista de falsos amigos (COCA).

Depois disso, as duas listas, a composta de falsos amigos e a de palavras controle, foram unificadas em uma terceira lista de 50 palavras. As palavras se alternavam na lista final, sendo a primeira falso amigo, a segunda uma palavra controle e assim por diante. A ordem escolhida também levou em consideração a frequência, as palavras menos frequentes estão no começo da terceira lista e as mais frequentes no final da mesma, assim, a tarefa conta com uma gradação das palavras mais comuns para as menos comuns.

### 3.2 Procedimentos

Primeiramente, a lista final contendo as 50 palavras foi a utilizada na tarefa de tradução. Cada um dos participantes teve 20 minutos para, em uma folha de papel com a lista impressa, traduzir as palavras da lista

nas quais eles tinham certeza da tradução, eles poderiam não traduzir uma palavra caso não soubessem. Cada palavra em inglês deveria ser traduzida com uma única palavra em português. Os participantes não puderam fazer uso de dicionários, aparelhos eletrônicos ou mesmo, pedir ajuda a outras pessoas durante a realização da tarefa.

Nessa primeira etapa da coleta de dados as informações foram retiradas das respostas dos participantes na atividade proposta. Levou-se em conta a média dos acertos de falsos amigos e controles em cada grupo e, também, a diferença entre os acertos de falsos amigos entre os dois grupos.

## **RESULTADOS**

Nessa seção apresentaremos os dados obtidos através da tarefa de tradução. Primeiramente, foi feita uma análise qualitativa dos dados, onde observou-se que, dentre os falsos amigos, o que obteve mais acertos foi a palavra "PASTA", todos os 14 participantes responderam corretamente. A frequência de uso é 8068 e a similaridade ortográfica é 1, ou seja, totalmente similar. O que poderia explicar o número de acertos seria o fato dessa palavra ser usada em atividades de vocabulários envolvendo comida e restaurante, tópicos comumente trabalhados em aulas de inglês. "PARENTS" e "LUNCH", tiveram 13 respostas corretas, o primeiro é a palavra maior frequência (139262) e é um dos primeiros itens lexicais em aulas de inglês (membros da família). O segundo, se enquadra no mesmo grupo lexical da palavra "PASTA", comida e restaurante, e tiveram um grande número de acertos provavelmente pelos mesmos motivos.

No lado oposto, os falsos amigos que tiveram menos acertos foram "FABRIC" e "COLLAR", ambas tiveram apenas uma resposta correta. A primeira tem frequência de 11445 e similaridade ortográfica de 0,618 com a palavra FÁBRICA em português. Já a segunda tem frequência de uso de 7006 e similaridade ortográfica com a palavra COLAR em português de 0,946. Apesar do alto grau de similaridade entre as palavras, a frequência de uso é baixa, o que justificaria o total de erros.

Seis falsos amigos obtiveram acertos apenas no grupo 1, C1-C2: "DATA" obteve 3 acertos, "POLICY" 2 acertos, "TAX" 2 acertos, "ANTHEM" 2 acertos, "FABRIC" 1 acerto e "COLLAR" 1 acerto. As seguintes palavras não obtiveram nenhuma resposta correta em nenhum dos grupos: "EDITOR", "BALCONY", "APPLICATION", "PHYSICIAN", "MOISTURE", "CONVICT", "INGENUITY" e "IDIOM". A maioria delas tem frequência de uso baixa. por exemplo, "IDIOM" tem frequência de 836, a mais baixa da lista. A palavra com maior frequência dessa lista é "EDITOR", 46822, e é também a que tem maior similaridade ortográfica, similaridade 1 com a palavra EDITOR em português. No entanto, o significado da mesma está relacionado a diferenças na profissão de jornalista.

Importante apontar o fato de que a maioria dos participantes tratou os falsos amigos como cognatos durante a tarefa. Demonstrando que bilíngues utilizam o efeito facilitador das palavras cognatas como estratégia linguística.

As palavras controle com mais acertos foram "ICE", "BEE" e "CAT", frequência de uso respectivamente de 46667, 4654 e 21994, todas tiveram 14 acertos, ou seja, todos os participantes traduziram de maneira correta. "ICE" e "CAT" tem frequências de uso altas e são palavras, geralmente, aprendidas nas primeiras lições de inglês. Já "BEE" tem frequência de uso baixa, no entanto, ficou popular entre os jovens devido ao filme "Bee Movie", uma animação lançada em 2007. Como todos os participantes são adolescentes e reportaram ver filmes como uma ferramenta de estudo de inglês, podemos justificar o alto grau de acerto devido a esses fatores.

As palavras "MUG", "GOAT", "JAW", "WRIST", "LEATHER" e "SHIP" só obtiveram acertos no grupo com participantes dos níveis C1 e C2. Dentre essas palavras, apenas "SHIP" tem frequência de uso acima de 15000, as demais estão entre as 50% menos frequentes palavras presentes na lista. "MUG" e "JAW" obtiveram 1 acerto cada. A frequência de uso das duas palavras é baixa, 4166 para "MUG" e 7173 para "JAW".

Alguns casos especiais merecem destaque quando analisadas as palavras controles. Vocábulo com escritas parecidas acabaram gerando respostas incorretas, por exemplo, a palavra "STONE" foi traduzida como TEMPESTADE (STORM), "GOD" foi traduzida como BOM (GOOD). Já "MEAT" foi traduzida como CONHECER, o verbo MEET em inglês.

Um caso interessante foi o da palavra "LEATHER", cuja as traduções foram bem diversas (LÍDER, LETRA, LECIONAR), mas todas iniciavam com a letra L. "IRON" e "MUG" também tiveram um caso semelhante, pois elas foram traduzidas como IRONIA e MUSGO, respectivamente. Nesses três casos, houve uma tendência a tratar as palavras como cognatas. Demonstrando, assim, que esse é um recurso comumente utilizado pelos aprendizes.

"HONEYMOON" teve poucas respostas corretas. No entanto, existe uma similaridade nos erros, a maioria das traduções fez uso da palavra LUA ( MELLUA, AMANTE DA LUA, LUA CRESCENTE, QUERIDA LUA). Por se tratar de uma palavra composta, os participantes, provavelmente, tinham conhecimento de apenas uma parte da palavra, MOON, e usaram estratégias para traduzi-la da maneira correta.

Tendo apresentado a análise qualitativa dos dados, passamos agora para a análise quantitativa. Foram calculadas as médias de acertos, erros e abstenções de cada grupo e de cada tipo de palavra, as quais podem ser melhor observadas na Figura 1 abaixo.

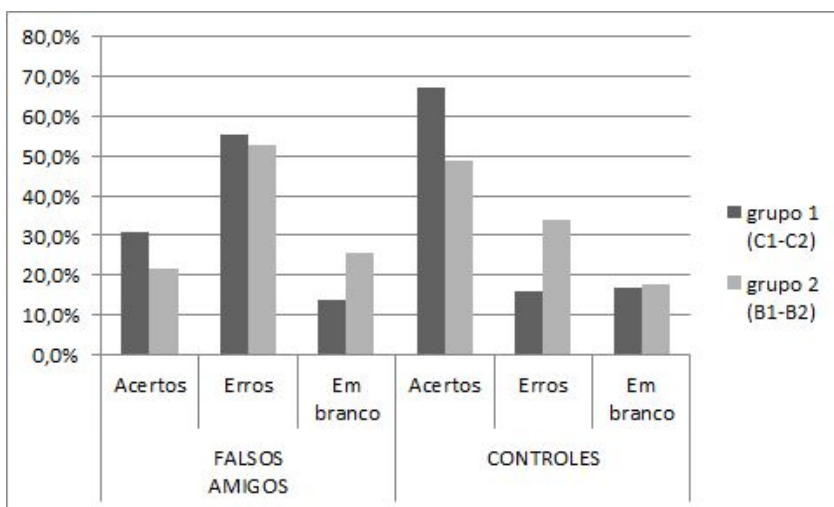


Figura 1 - Porcentagem de acertos, erros e abstenções por grupo e por palavras.

Para falsos amigos, o grupo 1, C1-C2, obteve 54 (30,9%) respostas corretas, 97 (55,4%) respostas erradas e 24 (13,7%) respostas em branco. Já o grupo 2, B1-B2, obteve 38 (21,7%) respostas corretas, 92 (52,6%) respostas erradas e 45 (25,7%) respostas em branco. Ao observarmos os controles, os participantes do grupo 1 tiveram 118 (67,4%) acertos, 29 (16,6%) respostas em branco e 28 (16%) respostas incorretas. Já os participantes do grupo 2 teve 85 (48,6%) respostas corretas, 59 (33,7%) respostas em branco e 31 (17,7%) respostas incorretas.

Como podemos observar na Figura 1, a comparação entre as médias de acertos dos dois grupos para os falsos amigos e controles mostra que houve mais acertos no grupo 1, níveis C1-C2, que no grupo 2, B1-B2. Esses resultados podem ser melhor visualizados na Tabela 1, que apresenta a estatística descritiva com os resultados da média, mediana, desvio padrão, mínimo e máximo do número de acertos de cada grupo para falsos amigos e controles.

Tabela 1 – Estatística descritiva

		<b>FALSOS AMIGOS</b>	<b>CONTROLES</b>
<b>GRUPO 1 C1-C2</b>	Média (DP)	7,4 (5,0)	16,9 (3,9)
	Mediana	6,0	16,0
	Mínimo	3,0	13,0
	Máximo	15,0	23,0
<b>GRUPO 2 B1-B2</b>	Média (DP)	5,9 (1,2)	12 (2,4)
	Mediana	5,0	12,0
	Mínimo	5,0	9,0
	Máximo	8,0	16,0

Nota: DP = Desvio padrão

Como podemos observar na Tabela 1 as médias indicam um melhor desempenho do grupo 1 em relação ao grupo 2 nos dois tipos de palavras.

As médias também indicam que ambos os grupos obtiveram um melhor desempenho na tradução das palavras controles que nos falsos amigos.

Para melhor verificar as diferenças entre condições e grupos, os resultados foram submetidos a testes estatísticos. Primeiramente foi verificada a normalidade da distribuição dos dados através dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Para que os dados sejam considerados normalmente distribuídos esses testes não podem alcançar significância. Em outras palavras, seu resultado não pode ser inferior a 0,05. Os resultados dos testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para a média de acertos de cada grupo para falsos amigos e controles são apresentados na Tabela 02.

Tabela 2 - resultados dos testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk

		<b>Kolmogorov-Smirnov</b>		<b>Shapiro-Wilk</b>	
		Estatística	Sig.	Estatística	Sig.
<b>FALSOS AMIGOS</b>	GRUPO 1 C1-C2	0,328	0,022	0,788	0,031
	GRUPO 2 B1-B2	0,331	0,020	0,773	0,022
<b>CONTROLES</b>	GRUPO 1 C1-C2	0,197	,200	0,903	0,350
	GRUPO 2 B1-B2	0,214	,200	0,961	0,824

N=14; GRUPO 1=7; GRUPO 2=7

\*P<0,05

Nota: N= Número de participantes

De acordo com a Tabela 2, pode-se observar que os resultados dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk mostraram que os seguintes dados não estavam distribuídos normalmente: Para os falsos amigos nos grupos 1 e 2 (Kolmogorov-Smirnov); para falsos amigos nos grupos 1 e 2 (Shapiro-Wilk). Por esse motivo, foi decidido usar testes não paramétricos para a análise estatística dos dados.



Para cada um dos grupos, foi realizado um teste de Wilcoxon comparando as médias de acertos de falsos amigos e controles. Apresentado na Tabela 3:

Tabela 3 – Resultados do teste de Wilcoxon

<b>GRUPO 1</b>	Z	-2,371 <sup>b</sup>
	Significância Sig. (bilateral)	0,018
<b>GRUPO 2</b>	Z	-2,388 <sup>b</sup>
	Significância Sig. (bilateral)	0,017

N=14; GRUPO 1=7; GRUPO 2=7

\*P<0,05

Nota: N= Número de participantes

Como podemos observar na Tabela 3, o resultado da comparação entre as médias de acertos de falsos amigos e controles para o grupo 1 foi significativa. O mesmo resultado se deu para o grupo 2. Esses resultados favorecem o efeito de inibição de falsos amigos, pois a média de acertos de falsos amigos foi significativamente menor que a dos controles. Além disso, foi realizado um teste de Mann-Whitney para comparar se houve diferença significativa no acerto de falsos amigos entre os grupos. A Tabela 4 apresenta esses resultados.

Tabela 4 – Resultados do teste Mann-Whitney para falsos amigos

<b>GRUPO 1 - GRUPO 2</b>		
	Z	-0,195
<b>FALSOS AMIGOS</b>	Significância Sig. (bilateral)	0,845

N=14; GRUPO 1=7; GRUPO 2=7

\*P<0,05

Nota: N= Número de participantes

Como pode ser visto na Tabela 4, os resultados do teste de Mann-Whitney para a comparação entre as médias de acertos de falsos

amigos nos grupos 1 e 2 mostraram que não houve uma diferença significativa entre os grupos. Pode-se inferir que a variação no nível de proficiência dos participantes não foi suficientemente grande para que fossem observadas diferenças significativas no processamento dos falsos amigos. Desse modo, concluímos que o aumento da proficiência não influenciou o processamento de falsos amigos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De maneira geral, nos dois grupos, a porcentagem de acertos na tradução das palavras controle foi mais que o dobro se comparada com a dos falso amigos. Demonstrando, assim, uma inibição no processamento de falsos amigos pois “a co-ativação dos códigos semânticos vai diminuir a resposta, porque os dois significados diferentes dos falsos amigos competem” (VAN HELL; TANNER, 2012).

Esse resultado corrobora com estudos anteriores, por exemplo, De Groot *et al.* (2000) em um dos experimentos da pesquisa utilizou uma tarefa de tradução com bilíngues inglês-holandês. Os resultados mostraram uma inibição substancial de falsos amigos em comparação com os controles, especialmente com falsos amigos menos frequentes. Van Heuven *et al.* (2008) também compararam bilíngues inglês-holandês e encontraram efeitos inibidores em falsos amigos apresentados sem palavras cognatas em imagens de ressonância magnética. Em resumo, esses resultados corroboram com a visão não seletiva de acesso da linguagem em bilíngues adultos.

Quando foram comparados os dois grupos, não houve diferença significativa entre os acertos para falsos amigos. Estudos anteriores obtiveram resultados semelhantes, por exemplo, Duyck *et al.* (2004) testaram dois grupos de bilíngues francês-holandês com diferentes proficiências em uma tarefa de prime fonológico. Os resultados mostraram que o efeito de priming foi consistente para os dois níveis de proficiência. Igualmente, Zhou *et al.* (2010) testaram bilíngues inglês-chinês com diferentes níveis de proficiência em tarefas de nomeação de palavras e

decisão lexical. Os resultados não foram significativos quando comparados os dois grupos.

Importante notar que nos dois estudos apresentados no parágrafo anterior, assim como no presente estudo, os participantes dos grupos com menores níveis de proficiência já haviam atingido o nível intermediário. Talvez, se a diferença de proficiência entre os dois grupos fosse maior os resultados teriam sido diferentes. Esses resultados sugerem que existe uma co-ativação das duas línguas de um bilíngue e que essa co-ativação é minimamente afetada pelo aumento da proficiência (VAN HELL; TANNER, 2012).

De modo geral, os resultados mostraram que houve mais efeito do tipo de palavra que da diferença de proficiência. Pensando no modelo hierárquico revisado (KROLL; STEWART, 1994), bilíngues têm diferentes estratégias para resolver problemas envolvendo falsos amigos e controles dependendo do nível de proficiência. Bilíngues menos proficientes se confundem devido à forma ambígua dos falsos amigos, causando assim mais erros ou maior tempo de resposta, dependendo da tarefa. Já bilíngues mais proficientes se confundem, pois diferentemente de cognatos, os dois significados dos falsos amigos não convergem (VAN HELL; TANNER, 2012). Possivelmente, devido a essas diferentes estratégias, a diferença entre os acertos de falsos amigos não tenha sido significativa quando comparados os dois grupos e o efeito inibidor dos falsos amigos também se dê devido a esses fatores.

A presente pesquisa contribui para a literatura sobre o acesso lexical de bilíngues a partir de dados de falantes nativos de português brasileiro, visto que poucos estudos têm sido realizados nessa linha de pesquisa com essa variedade da língua portuguesa. Outras questões poderiam ser investigadas no futuro tais como os efeitos da inclusão de palavras cognatas na lista de estímulo ou, talvez, realizar a mesma tarefa com grupos com maior diferença de proficiência entre si para verificar se os resultados se repetem.

Além disso, profissionais que trabalham com o ensino de inglês como língua estrangeira, principalmente os que ensinam inglês para brasileiros, se beneficiam dos resultados desse estudo pois quando se é estabelecida uma possível dificuldade dos alunos, no caso os falsos amigos, esses profissionais podem desenvolver pesquisas, materiais, atividades e recursos pedagógicos voltados a diminuir essa dificuldade.

## **REFERÊNCIAS**

ALTENBERG, E. P; CAIRNS, H. S. The effects of phonotactic constraints on lexical processing in bilingual and monolingual subjects. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v.22, p.174-188, 1983.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.

BRENDERS, P; VAN HELL, J. G; DIJKSTRA, T. Word recognition in child second language learners: Evidence from cognates and false friends. **Journal of Experimental Child Psychology**, v.109, p.383-396, 2011.

COOK, V. Background to the L2 user. In: COOK, V. (Ed.). **Portraits of the L2 user**. Clevedon: Multilingual Matters, 2002. P. 1-31.

DE BRUIJN, E; SCHRIEFERS, H; TEN BRINKE, S. More on interlingual homograph recognition: Language intermixing versus explicitness of instruction. **Bilingualism: Language and Cognition**, v.3, p.69-78, 2000.

DE GROOT, A. M. B; DELMAAR, P; LUPKER, S. J. The processing of interlexical homographs in translation recognition and lexical decision: Support for non-selective access to bilingual memory. **Quarterly Journal of Experimental Psychology A**, v.53, p. 397-428, 2000.

DIJKSTRA, T; GRAINGER, J; VAN HEUVEN, W. J. B. Recognition of cognates and interlingual homographs: The neglected role of phonology. **Journal of Memory and Language**, v.41, p. 496-518, 1999.

DIJKSTRA, T; VAN JAARVELD, H; TEN BRINKE, S. Interlingual homograph recognition: Effects of task demands and language intermixing. **Bilingualism: Language and Cognition**, v.1, p. 51-66, 1998.

DIJKSTRA, T. The multilingual lexicon. In: SANDRA. D; ÖSTMAN. J.O; VERSCHUEREN. J. (Orgs.). **Cognition and language use: Handbook of pragmatics highlights (Vol. 3)**. Amsterdam: Benjamins, 2009. P.369-388.

DUYCK, W; VAN ASSCHE, E; DRIEGHE, D; HARTSUIKER, R. Visual Word Recognition by Bilinguals in a Sentence Context: Evidence for Nonselective Lexical Access. **Journal of experimental psychology**. Learning, memory, and cognition, v.33, p. 663-79, 2007.

DUYCK, W; DIEPENDAELE, K; DRIEGHE, D; BRYSSBAERT, M. The size of the cross-lingual masked phonological priming effect does not depend on second language proficiency. **Experimental Psychology**, v.51, p. 1-9, 2004.

GUASCH, M; BOADA, R; FERRÉ, P; SÁNCHEZ-CASAS, R. NIM: A Web-based Swiss Army knife to select stimuli for psycholinguistic studies. **Behavior Research Methods**, v.45, p. 765-771, 2013.

HALL, C, J; NEWBRAND, D; ECKE, P; SPERR, U; MARCHAND, V; HAYES, L. Learners' implicit assumptions about syntactic frames in new L3 words: the role of cognates, typological proximity and L2 status. **Language learning**, v. 59, p. 153-202, 2009.

HAUGEN, E. **The Norwegian language in America**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

HUNT, A; BEGLAR, D. A framework for developing EFL reading vocabulary. **Reading in a Foreign Language**, v.17, p. 23-59. 2005.

KROLL, J. F; STEWART, E. Category interference in translation and picture naming: Evidence for asymmetric connections between bilingual memory representations. **Journal of Memory and Language**, v.33, p. 149-174, 1994.

LAUFER, B; MEARA, P; NATION, P. Ten best ideas for teaching vocabulary. **The Language Teacher**, v. 29, p. 3-6, 2005.

MACNAMARA, J. The Bilingual's linguistic performance: a psychological overview. **Journal of Social Issues**, v.23, p. 59 - 77, 1967.

MARIAN V, SHOOK A. The Cognitive Benefits of Being Bilingual. **Cerebrum**, v.13, 2012.

PRADO, M. Falsos amigos en lexicografía bilingüe. **Hispania**, v.72, p. 721-727, 1989.

SCARBOROUGH, D. L; GERARD, L; CORTESE, C. Independence of lexical access in bilingual word recognition. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v.23, p. 84-99, 1984.

TOASSI, P. F. P; MOTA, M., B. **Investigando o processamento de cognatos português-inglês através da técnica de rastreamento**

**ocular** In: 25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2014, Natal. Anais da 25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2014.

VAN HELL, J, G; TANNER, D. Second language proficiency and cross-language lexical activation In: \_\_\_\_\_. **Language Learning**, v.62, p. 148-171, 2012.

VAN HEUVEN, W. J. B. *et al.* Language conflict in the bilingual brain. **Cerebral Cortex**, v.18, p. 2706-2716, 2008.

VAN ORDEN, G. C. A ROWS is a ROSE: Spelling, sound, and reading. **Memory & Cognition**, v.15, p. 181-198, 1987.

ZHOU, H. *et al.* Language nonselective access to phonological representations: Evidence from Chinese-English bilinguals. **Quarterly journal of experimental psychology**, v.63, p. 2051-2056, 2010.